

TECLADO OU CANETA NA ESCOLA BÁSICA? OU TECLADO E CANETA?

Maria Carlota Rosa¹

carlota@ufrj.br

INTRODUÇÃO

Neste texto expresso uma preocupação enquanto professor, surgida de dois conjuntos de notícias que vêm ganhando difusão na mídia. Essas notícias podem ser resumidas em duas vertentes: (a) ninguém mais usa caneta (e lápis, e lapiseira...); e (b) escolas europeias e norte-americanas estão banindo a escrita manuscrita, em especial a cursiva, em favor da digitação. Reunidos, os dois conjuntos de notícias permitem antever um futuro – talvez não muito distante – em que se viverá uma relação com a escrita impensável para os que tivemos nossa formação básica ainda no século XX. E que, afinal, não parece improvável quando tentamos lembrar da última vez que escrevemos à mão um texto com alguma extensão.

A escrita é uma atividade cultural e, ao longo do tempo, na dependência do suporte em que se escrevia, conheceu diferentes instrumentos, como o estilo, a pena, o lápis. Agora, face a um suporte que não é palpável (como é o papel ou como eram as tabuinhas de cera, a pedra), mas virtual, por que não incluir o teclado nessa lista de materiais de escrita? Incluir não é problema; o problema se forma quando se impõe a escolha: ou a caneta ou o teclado.

Não estaríamos frente apenas a mais uma mudança cultural, caminho inevitável para comunidades que resolveram questões socioeconômicas básicas? A

¹ Doutor em Letras (Linguística); Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Agradeço a José de Jesus Rosa e Katia Abreu (ambos da UERJ); a Catarina Lobo Gonçalves, Sammy Dias e Marcus Maia (todos da UFRJ) e ao editor (Gabriel de Ávila Othero) a leitura de versões deste trabalho e as conversas sobre o tema.

defesa da escrita manuscrita na educação básica não deixa de lado a preparação das crianças para uma realidade diferente? As perguntas que surgem são muitas. Como professores seremos chamados a opinar sobre o tema. O que se segue se constitui na minha maneira de ver esse desafio.

1. JUNTANDO NOTÍCIAS

Quando pensamos em instrumentos para a escrita, a caneta é a grande revolução depois da descoberta da grafite como material de escrita e de seu encapsulamento em madeira no século XVI — o lápis como o conhecemos². No século XX a caneta esferográfica se tornaria a imagem prototípica de material para a escrita à mão. Criada prestes a irromper a Segunda Guerra, logo se perceberia seu potencial para sanar os problemas que as canetas-tinteiro traziam para o cotidiano das tropas³. No pós-guerra, a esferográfica foi a grande inovação tecnológica da escrita. Ela nos livrava da constante necessidade de recargas; punha fim às penas abertas, problema resultante do uso por mãos que ainda não sabiam dosar a pressão necessária sobre a pena e que obrigava a compra de nova caneta. A esferográfica praticamente decretava o fim dos borrões no papel, roupas e mãos. Nos anos que se seguiram tornou-se um objeto comum, globalizado, não importa a classe social.

A afirmação de que ninguém usa caneta está agora em blogs⁴ ou mesmo na fala de uma personagem da famosa franquia *CSI* de séries policiais de televisão⁵ e o noticiário econômico sinaliza a queda na venda de canetas⁶ — à exceção daquelas no segmento de luxo.

A experiência parece sinalizar algo diferente: meu dia a dia na sala de aula não confirma a generalização e me coloca face a duas práticas discentes. De um lado, anotações de aula tomadas com a velha dupla caderno e caneta; de outro, o uso do *smartphone* como câmera, a fim de fotografar o que escrevo no quadro ou o que

² *Encyclopaedia Britannica* (2018).

³ A esferográfica que conhecemos deriva da criação do húngaro László József Bíró (1899-1985) por volta de 1938. Ao fugir da Europa durante a Segunda Guerra, ele se fixaria na Argentina, onde criaria a *Biro Pens of Argentina* e registraria novamente a invenção — nos EUA e na Argentina em 17/06/1943. O produto seria licenciado para produção no Reino Unido, suprimindo a britânica RAF- Royal Air Force. No final da década venderia a patente para Marcel Bich (1914-1994), que em 1950 lançaria a Bic Cristal (McGoogan, 2016; Bic Group, 2014; *Wikipedia* verbete László Bíró).

⁴ Como, por exemplo, em Pelejão (2014), que dá início à sua postagem com a frase “A verdade é que já ninguém usa canetas”.

⁵ Mais especificamente em *CSI Cyber*: o sexto episódio da segunda temporada, levado ao ar nos EUA em novembro de 2015, colocava na boca de um dos investigadores da trama essa afirmação.

⁶ *Euronews*, 27/05/2014.

projeto (apesar do aviso de que tudo o que é projetado fica disponível na minha própria página). Raramente vejo *notebooks* ou *tablets* em aula, mesmo com alunos que têm esse tipo de material. Possivelmente mais um dos efeitos colaterais da violência urbana brasileira, que também vem alterando o uso da biblioteca pelos estudantes⁷. Assim, a generalização sobre o desuso de canetas reflete uma vivência diferente da nossa, e nossa percepção do comportamento discente encontra respaldo no fato de que países em desenvolvimento da América Latina, da Ásia e da África (ao contrário da Europa e dos EUA) tornaram-se a aposta das grandes fabricantes de lápis e canetas (Siqueira, 2014). De qualquer modo, em algumas regiões observa-se a diminuição do uso de canetas — e este fato parece servir de argumento ao tema do outro conjunto de notícias.

O segundo grupo de notícias diz respeito a ações tomadas em outros países por órgãos governamentais no tocante ao ensino da escrita. Decisões de autoridades educacionais podem ser tomadas a qualquer tempo, com o argumento da modernização da escola, da adoção de uma prática já em uso em países com bons resultados em *rankings* internacionais sobre aproveitamento escolar. É neste contexto em que há pelo menos cinco anos encontram-se notícias sobre a retirada da escrita manuscrita cursiva da prática escolar. Em abril de 2013 o *Washington Post* chamava a atenção para o desaparecimento da escrita cursiva em escolas públicas de estados norte-americanos (Shapiro, 2013). Pouco tempo depois surgiam notícias de que em agosto de 2016 as escolas da Finlândia começariam a diminuir gradativamente a obrigatoriedade das aulas de escrita cursiva, até então introduzida no segundo ano, em favor de aulas de digitação em teclados (BBC, 21/11/2014; Fritz, 28/11/2014, *Crescer online*, 02/12/2014; Russell, 2015), abandono que já fora adotado em parte das escolas nos estados alemães da Renânia do Norte-Vestfália e Hamburgo e, ainda em 2010, num dos cantões suíços (Hanke, 2016).

Alguns argumentos, favoráveis ou não à mudança, foram levantados nas matérias jornalísticas. Minna Harmanen, membro do Conselho Nacional de

⁷ O efeito da violência no cotidiano urbano brasileiro vai muito além daquele mais evidente, de cômputo de vítimas. Afeta, por exemplo, o empréstimo de livros pelas bibliotecas, obrigando o serviço de bibliotecas de grandes universidades brasileiras a terem tutoriais sobre como proceder no caso de um livro tomado em empréstimo ser roubado (USP, “O material que a biblioteca me emprestou foi roubado. O que devo fazer?”; UFMG, “Como proceder em caso de perda ou roubo do material emprestado sob a minha responsabilidade?”; UFBA, “Eu fui roubado e levaram o livro”).

Educação da Finlândia, afirmava que “[a]s crianças não têm tempo de se tornarem rápidas na escrita cursiva; logo, não tem utilidade para elas” (Russell, 2015). Reciclava, desse modo, um dos argumentos da antiga discussão sobre a necessidade de ensino de dois tipos de letras, inicialmente a bastão e depois, a cursiva (Herrick, 1960: 253). Em outra matéria Harmanen afirmava que “as habilidades da digitação fluente são uma competência nacional importante” (BBC, 2014). Uma nota da Agência Nacional Finlandesa para a Educação, emitida após a repercussão internacional do novo currículo, argumentava com o lado social da escrita digital — “a digitação facilita editar, coescrever e compartilhar textos” — e com um modelo com “letras que são elegantes, fáceis de ler, escrever e ensinar”.

A favor do ensino da cursiva os argumentos na imprensa não têm sido de muito peso. A preparação para a leitura de manuscritos históricos foi um deles; no entanto ninguém lê o original da carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500) anunciando a descoberta do Brasil, por exemplo, se não se especializar nesse tipo específico de letra portuguesa em decorrência das necessidades de um nível avançado de pesquisa. A leitura de uma página manuscrita cuidada (“apenas a escrita manuscrita transmite de fato a beleza”, Jenkins, 2015), por outro lado, pode ser um prazer, mas o ensino da caligrafia ultrapassa os objetivos do ensino da escrita.

Para qualquer professor esses argumentos nada dizem em relação à prática docente.

2. EM FAVOR DO TECLADO...

Um argumento em favor do teclado poderia vir da reação de professores à *representação gráfica* de um trabalho manuscrito. Um trabalho com partes ilegíveis é um tormento, mas o problema ultrapassa a questão da legibilidade.

Em 1959, C. Remondino relatava um experimento que procurava apontar as qualidades levadas em conta por professores e por não professores na avaliação de uma redação. As 17 qualidades inicialmente apontadas comportavam-se em grupos, o que o levou a reduzi-las a quatro dimensões. Reconhecia como a primeira delas a que denominou *representação gráfica*, um agrupamento de três fatores: (a) a legibilidade⁸, isto é, a qualidade da letra manuscrita; (b) o arranjo estético, ou a

⁸ Referindo o estudo de Pressey & Pressey (1927), Analysis of 3,000 illegibilities in the handwriting of children and adults, *Educational Research Bulletin*, 6: 270-273, Herrick (1960: 250) apontava que

fluência das letras (tamanho, proporção, alinhamento, espaçamento); e (c) a aparência, isto é, cuidado e limpeza (Remondino, 1959: 244). Outros experimentos levariam a concluir que a letra manuscrita “é um dos fatores não relacionados ao conteúdo que podem influenciar a avaliação que um professor faz das crianças em sala. Trabalhos com melhor letra manuscrita consistentemente receberam pontuações mais altas do que aqueles com caligrafia ruim, independentemente da qualidade do conteúdo” (Markham, 1976: 280).

A caligrafia seria, então, como comenta Briggs (1980), causadora do aparecimento de uma categoria de *alunos “em risco”*. Este grupo seria formado por aqueles alunos que já têm problemas nas dimensões da avaliação que focalizam o conteúdo e, para eles, passar ou ser reprovado seria, em última análise, uma decisão tomada com base na qualidade da letra: “há uma zona fronteira na atividade de correção de exames na qual o modo como o ensaio está escrito pode ser quase tão crítico quanto o conteúdo do ensaio” (Briggs, 1980: 193). Some-se a este grupo o contingente de crianças com dificuldades na coordenação motora fina, para as quais atividades como copiar do quadro ou escrever um ditado demandam um tempo superior ao determinado pelo professor para a tarefa — e novamente se vislumbra o fracasso escolar.

3. EM FAVOR DO TECLADO? NÃO TÃO DEPRESSA...

Se é possível demonstrar que determinados estilos de letras cursivas são melhor avaliados (Briggs, 1980), se escrever a mão vai-se tornando raro, não seria o caso de concordar com a introdução do teclado em substituição à caneta? Não sem antes olhar mais um lado do problema.

A mudança de um tipo de aprendizado da escrita em que o movimento para formar a figura de cada letra é único para um outro, em que um único dedo, o indicador, aperta uma tecla pode ser uma troca capaz de produzir efeitos que ainda precisam de ser melhor compreendidos — e que podem ser indesejáveis. Por essa razão muitos são os estudos experimentais que começam a ser desenvolvidos e que trouxeram a leitura e a escrita para uma nova perspectiva: a do cérebro humano.

(levado em conta nosso alfabeto) as letras *r, u, e, a, o, s, t* respondem por mais da metade do que é ilegível, sendo que *r, e e a* seriam as letras envolvidas em mais trechos ilegíveis.

Para quem é *letrado* — isto é, para aquele “que sabe ler e escrever com eficiência, capaz de ler palavras individuais de forma rápida e correta, isoladamente e no texto (Rosa, 2016: 60), para aquele que, como notou Ehri (2005: 153), “mesmo um rápido vislumbre em uma palavra ativa a sua pronúncia e o seu significado” — as letras constituem um objeto visual diferenciado em relação a objetos, rostos e cores. A proposta de uma *Área da Forma Visual da Palavra*⁹ no cérebro marca o reconhecimento de que se tornar um leitor fluente é um evento que tem consequências para a anatomia do cérebro e sua ativação (Dehaene *et alii*, 2010: 1). Nos leitores fluentes há evidências de que essa área seria ativada pelo sistema de escrita a que se está exposto, mesmo que não alfabético, com direção esquerda-direita ou não (Dehaene & Cohen, 2007: 386; Dehaene & Cohen, 2011: 256), pondo fim “ao mito de que o sistema de escrita do chinês é processado apenas pelo hemisfério direito” (Scliar-Cabral, 2010: 419-420).

Longcamp *et alii* (2005), por exemplo, levantam a hipótese de que a representação cerebral das letras não é apenas visual. Nos estudos que levaram a cabo com crianças entre 3 e 5 anos, Longcamp *et alii* (2005) constataram que o treinamento com a letra manuscrita levou a melhor resultado no reconhecimento das letras nas crianças mais velhas do que o treinamento com teclado. Na mesma linha, James & Engelhardt (2014) chamaram a atenção para os diferentes níveis de ativação cerebral de crianças pré-letradas durante a percepção de letras que se seguia a um pequeno treinamento de três tipos de escrita: com uso de teclado, de cobertura de letras previamente traçadas e da escrita manuscrita espontânea da figura da letra. O resultado obtido evidenciava que esta última facilitava o aprendizado da leitura, uma vez que reunia as áreas visuais que entram no processamento das letras e as regiões motoras envolvidas na produção das letras. E evidenciava também a importância da escrita manuscrita para o processamento das letras pelo cérebro. Convergem ainda para esses resultados estudos com pacientes com alexia pura (isto é, alexia sem agrafia ou afasia), como Bartolomeo *et alii* (2002), que parecem evidenciar que a representação motora das letras pode-se manter intacta a despeito da incapacidade de leitura. O movimento único da mão para cada letra teria, portanto, papel importante no conhecimento da forma visual das letras.

⁹ Localizada na região occipitotemporal ventral esquerda.

4. É SÓ TRADIÇÃO?

A retirada da escrita cursiva do currículo e a diminuição drástica do tempo destinado à letra bastão em favor da escrita com uso do teclado tem de ser levada para aspectos mais relevantes do que a discussão de se temos condições econômicas que permitam prover toda a rede escolar básica de materiais eletrônicos, como computadores e *tablets*. Ou de como compensar prejuízos a partida previsíveis: ao reconhecer a importância das aulas de escrita à mão no desenvolvimento motor de precisão, a então vice-presidente da Associação de Professores de Língua Nativa da Finlândia propunha que as habilidades manuais antes desenvolvidas com a escrita manuscrita fossem compensadas com aulas de trabalhos manuais e desenho (BBC, 2014). Cabe notar, porém, que desenhar, diferentemente de ler e escrever, não se relaciona com a linguagem (Farrall, 2012: 299), e o desenvolvimento de ambas as atividades começa a se diferenciar por volta dos três anos, quando as crianças começam a distinguir desenhos de escrita (Berninger & Richards, 2002: 299).

Termino com duas perguntas: para preparar as novas gerações para o futuro será mesmo necessário banir a escrita manuscrita cursiva e reduzir a algumas horas do primeiro ano a letra bastão? Podemos ter certeza, como também se questionava Jean-Luc Velay em entrevista a Anne Chemin, do *Le Monde*, de que uma decisão como essa não trará consequências que não poderão ser revertidas para as gerações a ela submetidas?

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL FINLANDESA PARA A EDUCAÇÃO/ FINNISH NATIONAL AGENCY FOR EDUCATION. 2015. Writing by hand will still be taught in Finnish schools. 09/02/2015. http://www.oph.fi/english/current_issues/101/0/writing_by_hand_will_still_be_taught_in_finnish_schools

BARTOLOMEO, Paolo; BACHOUD-LÉVI, Anne-Catherine; CHOKRON, Sylvie & DEGOS, Jean-Denis. 2002. Visually- and motor-based knowledge of letters: Evidence from a pure alexic patient. *Neuropsychologia*, 40: 1363-1371.

BIC GROUP. 2014. 1944-2014: 70th anniversary of the Bic Group. https://www.bicworld.com/sites/default/files/2017-02/PPA_70years_EN_27OCT14.pdf

BBC, 2014. Finland: Typing takes over as handwriting lessons end. *BBC News from Elsewhere*, 21/11/2014. <http://www.bbc.com/news/blogs-news-from-elsewhere-30146160>

BERNINGER, Virginia W. & RICHARDS, Todd L. 2002. *Brain Literacy for Educators and Psychologists*. Amsterdam: Academic Press.

- BOUÇAS, Cibelle. 2018. Mercado de luxo encolhe 8,5% em 2017. *Valor Econômico*, 15Jan2018. <https://www.pressreader.com/brazil/valor-econ%C3%B4mico/20180115/281844349041083>
- BORTOLOZI, Tatiane. 2017 Bic enxuga portfólio e dobra investimento. *Valor Econômico*, 11Jan2017. <https://www.pressreader.com/brazil/valor-econ%C3%B4mico/20170111/281891592963216>
- BRIGGS, Dennis. 1980. A study of the influence of handwriting upon grades using examination scripts. *Educational Review*, 32 (2): 186-193.
- CHEMIN, Anne. 2014. «Il existe une mémoire du geste». *Le Monde*, 13.11.2014. http://www.lemonde.fr/societe/article/2014/11/13/il-existe-une-memoire-du-geste_4523174_3224.html
- CRESCER ONLINE. 2014. Escolas finlandesas substituem aulas de caligrafia por digitação. *Crescer online*, 02/12/2014. <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2014/12/escolas-finlandesas-substituem-aulas-de-caligrafia-por-digitacao.html>
- DEHAENE, Stanislas; PEGADO, Felipe; BRAGA, Lucia W.; VENTURA, Paulo; NUNES FILHO, Gilberto; JOBERT, Antoinette; DEHAENE-LAMBERTZ, Ghislaine; KOLINSKY, Régine; MORAIS, José & COHEN, Laurent. 2010. How Learning to Read Changes the Cortical Networks for Vision and Language. *Science*, 330: 1359-1364.
- DEHAENE, Stanislas & COHEN, Laurent., 2007. Cultural Recycling of Cortical Maps. *Neuron* 56 (25): 384-398.
- DEHAENE, Stanislas & COHEN, Laurent. 2011. The unique role of the visual word form area in reading. *Trends in Cognitive Sciences*, 15 (6): 254-262. June 2011
- EHRI, Linnea C. 2005. O desenvolvimento da leitura imediata de palavras: fases e estudos. In: SNOWLING, Margaret J. & HULMES, Charles (eds.). 2005. *A ciência da leitura*. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2013.p.153-172
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. 2018. Pencil: Writing implement. <https://www.britannica.com/technology/pencil-writing-implement>
- EURONEWS. 2014. Será que a caneta e papel se vão tornar objetos de museu? *Euronews*, 27/05/2014. <http://pt.euronews.com/2014/05/27/sera-que-a-caneta-e-papel-se-vaio-tornar-objetos-de-museu>
- FARRALL, Melissa Lee. 2012. Reading assessment: Linking language, literacy, and cognition. New Jersey: John Wiley and Sons.
- FRITZ, Jean-Paul. 2014. L'écriture manuscrite, dépassée ? Elle est en train de s'éteindre. Vive le clavier! *L'Obs*, 28-11-2014. <http://leplus.nouvelobs.com/contribution/1282782-l-ecriture-manuscrite-depassee-elle-est-en-train-de-s-eteindre-vive-le-clavier.html>
- HANKE, Katja. 2016. Cursive handwriting: The demise of a cultural technique. Goethe Institut. <https://www.goethe.de/en/spr/mag/20732745.html>
- HERRICK, Virgil E. 1960. Handwriting and children's writing. *Elementary English*, 37 (4): 248-258.
- Gone in 6 Seconds. In: *CSI Cyber*, segunda. temporada, episódio 6. Direção: Allan Arkush. Criação: Carol Mendelsohn, Ann Donahue and Anthony E. Zuiker. Episódio escrito por Matt Whitney. Produção: Jerry Bruckheimer Television, Content Partners, CBS Productions. 2015-2016. 40 min. Série exibida no Brasil pela AXN.
- JAMES, Karin H. & ENGELHARDT, Laura. 2012. The effects of handwriting experience on functional brain development in pre-literate children. *Trends in Neuroscience and Education*, 1 (1): 32-42. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4274624/#>

JENKINS, Simon. 2015. We are slaves to the printed word, but only handwriting conveys real beauty. *The Guardian*, 20/08/2015.

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/aug/20/printed-word-handwriting-meaning-calligraphy>

LONGCAMP, Marieke; ZERBATO-POUDOU, Marie-Thérèse & VELAY, Jean-Luc. 2005. The influence of writing practice letter recognition in preschool children: A comparison between handwriting and typing. *Acta Psychologica*, 119: 67-79.

MARKHAM, Lynda R. 1976. Influences of handwriting quality on teacher evaluation of written work. *American Educational Research Journal*, 13 (4): 277-283.

MCGOOGAN, Cara. 2016. Who was Ladislao José Biro, how did he invent the ballpoint pen and how did it help in World War II? *The Telegraph*, 29/09/2016. <https://www.telegraph.co.uk/technology/2016/09/28/who-was-ladislao-jose-biro-how-did-he-invent-the-ballpoint-pen-a/>

PELEJÃO, Rui. 2014. A caneta de Balzac. <http://www.grandeturismo.com/2014/05/22/a-caneta-de-balzac/>

REMONDINO, C. 1959. A factorial analysis of the evaluation of scholastic compositions in the mother tongue. *British Journal of Educational Psychology*, 29: 242-251.

ROUVENAT, Fernanda. 2017. Assaltos frequentes a ônibus no Rio assustam motoristas; 'Estou desesperado'. *G1*, 15/12/2017, <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/assaltos-frequentes-a-onibus-no-rio-assustam-motoristas-estou-desesperado.ghtml>

ROSA, Maria Carlota. 2016. *E se tivesse de ler em voz alta, numa língua desconhecida, não ouvida antes?* Rio de Janeiro : Maria Carlota Amaral Paixão Rosa.

<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1236/1/Ler%20lingua%20desconhecida.pdf>

RUSSELL, Helen. 2015. Signing off: Finnish schools phase out handwriting classes. *The Guardian*, 31/07/2015. <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/31/finnish-schools-phase-out-handwriting-classes-keyboard-skills-finland>

SCLIAR-CABRAL, Leonor. 2010. Evidências a favor da reciclagem neuronal para a alfabetização. *Letras de Hoje*, 45 (3): 43-47.

SIQUEIRA, Maurício. 2014. Indústria do lápis busca ter relevância na era do tablet. *Designforum*, 17Out2014. <http://designforum.com.br/blog/?p=17537>

SHAPIRO, T. Rees. Cursive handwriting is disappearing from public schools. *The Washington Post*, 04/04/2013. https://www.washingtonpost.com/local/education/cursive-handwriting-disappearing-from-public-schools/2013/04/04/215862e0-7d23-11e2-a044-676856536b40_story.html?noredirect=on&utm_term=.37d5366a3afb

O DIA. 2017. Rio de Janeiro: Ônibus têm média de 35 roubos por dia, *O Dia*, 9/9/2017. <https://odia.ig.com.br/conteudo/rio-de-janeiro/2017-09-09/onibus-tem-media-de-35-roubos-por-dia.html>

UFBA/ Sistema Universitário de Bibliotecas, “Eu fui roubado e levaram o livro?” In: FAQ, <https://sibi.ufba.br/eu-fui-roubado-e-levaram-o-livro>

UFMG/ Sistema de Bibliotecas. “Como proceder em caso de perda ou roubo do material emprestado sob a minha responsabilidade?” In: Perguntas Frequentes. <https://www.bu.ufmg.br/bu/index.php/faq>

UNICAMP/Sistema de Bibliotecas da Unicamp. Regulamento de Circulação de Materiais Bibliográficos do SBU. <http://www.sbu.unicamp.br/portal2/category/sobre-o-sbu/>

USP/ FFLCH, “O material que a biblioteca me emprestou foi roubado. O que devo fazer?”. In: Biblioteca Florestan Fernandes/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Perguntas Frequentes. <http://biblioteca.fflch.usp.br/faq#n10238>

WIKIPEDIA.

László

Bíró.

https://en.wikipedia.org/wiki/L%C3%A1szl%C3%B3_B%C3%ADr%C3%B3